

Videntes fugidios

Maria Filomena Gregori

Vejo superfícies de cor (sequência 01). Verde água na primeira imagem, o amarelo pálido na segunda e o arroxeadado na terceira. Uma é teto, outra é canto, a última é chão. A delicadeza dos tons combina com a tristeza das manchas na parede. A paz líquida dos pastéis não esconde o reboco, a umidade e as rachaduras. A abstração dessas imagens, sua qualidade formal, assinala a tensão nunca resolvida entre uma aspiração de evanescer e a marca de um tempo que alude ao escombro e ao precário.



Chama atenção essa fronteira aberta entre o sentido fugaz e efêmero – próprio desses retratos não figurativos – e o sentido concreto e profundamente temporal daquilo que apodrece e que se mostra de relance. Em outra seqüência, a 02, a materialidade é exposta com força no muro rachado, na grade e se revela, em plenitude, na montanha de areia, na betoneira, no balde – sinais e elementos de uma obra em construção. A beleza de olhar para essas séries de fotos está justamente em admitir a convivência do abstrato, quase etéreo, e do concreto e, em particular, de um tempo que parece suspenso e das marcas pesadas dos anos nas paredes. Há também sinais que indicam a convivência entre a precariedade do lugar e o esforço de reconstrução dos espaços. Sinais de pobreza, mas não de vitimização ou abandono.

Essas imagens nasceram em um experimento de fotoetnografia: uma narrativa verbal e imagética criada na interação entre um pesquisador/fotógrafo e seus sujeitos de investigação - mulheres e travestis, profissionais do sexo, do Jardim Itatinga em Campinas. O propósito do investigador era o de captar variados significados das experiências vividas pelas pessoas com quem interagiu, a partir de fotografias tiradas e selecionadas por elas. O processo de produção das imagens e sua escolha estiveram envolvidos em exercício eminentemente etnográfico: em uma relação de partilha e de diálogo nascida no trabalho de campo com clara conotação intersubjetiva. O resultado em muito se aproxima de vertentes recentes da Antropologia que, desde os anos 80,



apresentam postura crítica frente às etnografias clássicas que se pretendiam realistas e objetivas. James Clifford, George Marcus ou ainda Paul Rabinow são alguns dos antropólogos norte-americanos que colocaram em exame e problematizaram firmemente as convenções narrativas das etnografias “à la Malinowski”, sobretudo, suas questões não resolvidas em relação ao poder do antropólogo em se arvorar expressar realidades vividas por outros, criando formas de legitimação no campo acadêmico com seus textos, conceitos e interpretações. O empreendimento que resultou nessas imagens está em sintonia com a antropologia crítica ao salientar e dar relevância ao processo de tecitura das representações: na interação com elas – mulheres e travestis – as imagens que produziram sobre seus cotidianos e suas falas.

Não temos diante de nós um mero registro descritivo da “dura” vida das profissionais do sexo, mas fotografias que revelam cuidado estético. Impressiona nelas a busca por simetria e a sua composição formal. Vivemos em uma sociedade mais imagética do que letrada e muita gente retira implicações negativas de tal fato. Essa fotoetnografia contesta essas visões, pois mostra como as experiências imagéticas são também

experiências de reflexão, formulação de conceitos e abordagens abstratas.

Imagens que instigam a aprofundar as indagações sobre o modo como o olhar é marcado por gênero e retirar implicações valiosas. A primeira delas é a da articulação sempre dinâmica entre as diversas marcas sociais de diferenciação. A intersecção entre a sexualidade, o gênero e a posição social se torna evidente quando olhamos a série de sutiens e, em seguida, a sequência das ferramentas de obra. Mas a segunda implicação é ainda mais relevante: há nelas a ambivalência própria da experiência de pessoas que usam e valorizam simbolicamente, em simultaneidade, um martelo e uma calcinha. No caso, desejo e tecnologia estão inteiramente coadunados, bem como aquilo que evoca ao feminino e o que situa um senso de masculino. Não há uma incorporação de um elemento ao outro ou ainda a hierarquização. As tensões permanecem vivas em um arranjo aberto de significados possíveis. Aí está a relevância das imagens e do processo de sua criação: eles apontam para o fato inexorável de estarmos situados em meio à categorizações não fixas e com sentidos que não podem ser abstraídos da capacidade enorme das pessoas de olhar, de registrar e de criar.



patrocínio

